

História

Chego a casa do trabalho e tenho uma mensagem dele: não pode vir, está ocupado. Volta a ligar depois. Fico à espera, às nove horas vou ao bairro onde ele mora, descubro o automóvel, mas ele não está em casa. Bato à porta do apartamento e, depois, a todas as portas das garagens, porque não sei que garagem é a sua — ninguém responde. Escrevo-lhe um recado, leio na diagonal o que escrevi, escrevo outro recado e deixo-o colado na porta. De regresso a casa, sinto-me inquieta e tudo o que sou capaz de fazer, embora tenha muito com que me ocupar, uma vez que parto em viagem na manhã seguinte, é tocar piano. Torno a ligar-lhe às dez e quarenta e cinco, e ele atende: fora ao cinema com a ex-namorada, que ainda está lá em casa. Diz-me que me volta a ligar a seguir. Fico à espera. Acabo por me sentar e escrever no meu caderno que, depois de me ligar, ele virá ter comigo, ou então, talvez não venha, e eu ficarei furiosa, e por isso, se não o tiver a ele, terei a minha raiva, o que talvez não seja mau de todo, porque a raiva acaba sempre por ser um grande reconforto, como descobri quando vivia com o meu marido. E depois, continuo a escrever, mas na terceira pessoa e no pretérito imperfeito, que ela tinha sempre de ter um amor, ainda que de um amor complicado se tratasse. Quando ele torna a ligar, ainda não tive tempo de acabar de escrever. São pouco mais de onze e meia. Estamos a discutir até quase à meia-noite. Tudo o que ele me diz é contraditório: diz, por exemplo, que não me quer ver porque tem de trabalhar e, sobretudo, porque precisa de estar sozinho, mas não esteve a trabalhar, e também não esteve sozinho. Não consigo maneira de o fazer resolver as suas contradições, e quando a conversa começa a ser demasiado parecida com muitas das que eu tinha com o meu marido, digo-lhe adeus e desligo. Acabo o que começara a escrever, por mais que já não pareça agora ser verdade que a raiva me sirva de grande reconforto.

Passados cinco minutos, pego no telefone para lhe dizer que lamento a nossa discussão, e que o amo, mas ele não atende. Torno a ligar passados mais cinco minutos, pensando que talvez ele tivesse ido só à garagem e já estivesse outra vez em casa, mas ninguém atende. Penso em meter-me outra vez no automóvel até ao bairro onde ele vive e ver se não estará a trabalhar na garagem, porque é lá que tem a secretária e os livros, e é para lá que vai quando quer ler e escrever. Estou em camisa de dormir, já passa da meia-noite e tenho de sair de casa de madrugada, às cinco. Apesar de tudo, visto-me e percorro ao volante a distância de cerca de uma milha até casa dele. Tenho medo de chegar e descobrir perto da sua casa automóveis que lá não vi horas antes, porque um deles poderá ser o da ex-namorada. Perto da entrada da garagem, vejo dois automóveis que lá não estavam antes, e um deles, estacionado o mais perto possível da porta dele, talvez seja o dela. Contorno o prédio até à parte das traseiras onde fica o apartamento, e espreito pela janela: a luz está acesa, mas não consigo distinguir nada lá dentro, porque as persianas estão meio descidas, e os vidros embaciados. Mas, na sala, as coisas não têm o mesmo aspecto que ao princípio da noite, e, nessa altura, não parecia haver vapor lá dentro. Abro a porta exterior de rede e bato à porta de madeira. Espero. Nada. Fecho a porta de rede e vou verificar as portas das garagens. Então, a porta abre-se atrás de mim, quando começava a afastar-me, e ele aparece cá fora. Não consigo vê-lo bem porque faz escuro no arruamento estreito para onde a porta dá, e ele está vestido também de escuro, e recortado contra a pouca luz que o ilumina pelas costas. Aproxima-se de mim e abraça-me sem dizer nada, e eu penso que, se ele não diz nada, não é porque aquilo que sente seja muito forte, mas porque tem de pensar no que vai dizer a seguir. Solta-me, contorna-me e caminha à minha frente na direcção dos automóveis que estão estacionados diante das portas da garagem.

Enquanto andamos nessa direcção, ele diz “Olha” e o meu nome, e eu fico à espera de o ouvir dizer que ela está lá dentro e também que tudo acabou entre nós. Mas ele não o diz, e eu tenho a impressão de que ele queria dizer qualquer coisa do género, dizer pelo menos que ela está lá dentro, e pensou depois que, por alguma razão, era melhor não o fazer. Em contrapartida, diz que tudo o que correu mal esta noite foi por sua culpa e que o lamenta. Está de pé, com as costas contra a porta da garagem, a luz ilumina-lhe o rosto, e eu estou de costas voltadas para a luz. A certa altura abraça-me tão bruscamente que a ponta acesa do meu cigarro se esmaga contra a porta da garagem atrás dele. Sei porque é que estamos aqui, e não no seu quarto, mas não lhe pergunto nada até tudo

estar bem entre nós. Depois ele diz: “Ela não estava cá quando eu te telefonei. Mas, a seguir, voltou.” Diz que a única razão que a faz ali estar é que há qualquer coisa que a preocupa, e ele é a única pessoa com quem ela pode falar do assunto. Depois diz: “Não podes entender isso, pois não?”

Tento imaginar o que se passa.

Portanto, eles foram ao cinema e depois vieram para casa dele e depois eu telefonei e depois ela foi-se embora e ele tornou a ligar para mim e discutimos e depois eu liguei-lhe mais duas vezes mas ele tinha saído para tomar uma cerveja (diz ele) e depois eu meti-me no carro para vir cá e entretanto ele voltara de comprar a cerveja e ela voltara também e estava com ele lá dentro e por isso nós estávamos os dois a falar diante das portas da garagem. Mas qual é a verdade? Poderiam ele e ela ter realmente voltado naquele curto intervalo entre o meu último telefonema e o momento em que aqui cheguei? Ou a verdade é que realmente, enquanto ele me telefonava, ela ficou à espera cá fora ou na garagem dele ou no automóvel dela e depois ele a levou para dentro outra vez, e deixou o telefone tocar sem o atender quando lhe liguei uma segunda e uma terceira vez, porque estava farto de mim e da nossa discussão? Ou talvez ele a tenha levado para casa e saído depois para comprar uma cerveja enquanto ela ficava à espera e ouvia o telefone tocar? Esta última hipótese é a menos provável. Seja como for, não acredito que ele tenha saído para ir comprar uma cerveja.

O facto de ele não me dizer sempre a verdade faz-me duvidar da verdade do que ele em certas alturas me diz, e então tento descobrir pelos meus próprios meios se é verdade ou não o que ele me está a dizer, e algumas vezes sei que não é verdade, outras vezes não sei e nunca saberei, e outras ainda, só porque ele não pára de mo dizer, convenço-me de que é verdade, porque não acredito que ele seja capaz de repetir tão constantemente uma mentira. Talvez a verdade não conte, mas eu quero saber, quanto mais não seja para esclarecer questões como a de saber se ele está ou não furioso comigo; e, se sim, a que ponto; se ainda a ama ou não; e, se sim, a que ponto; se me ama ou não; e a que ponto; e a que ponto é capaz de me enganar em actos, e depois dos actos, ao contá-los.

Os Temores de Mrs. Orlando

É um mundo negro, o de Mrs. Orlando. Em sua casa, sabe o que é perigoso: o fogão a gás, as escadas íngremes, a banheira escorregadia, e várias ligações eléctricas mal instaladas. Fora de casa, sabe uma parte, mas não a totalidade, do que é perigoso, e sente-se assustada pela sua ignorância, e ávida de se informar de crimes e desastres.

Embora tome todas as cautelas, não há cautela que chegue. Tenta estar prevenida contra a fome súbita, contra o frio, contra o tédio, contra as grandes hemorragias. Nunca anda sem um penso rápido, um alfinete de ama e um canivete. No automóvel tem, entre outras coisas, um bocado de corda e um apito, e também uma história social de Inglaterra para ler enquanto espera pelas filhas, que com frequência se demoram muito nas compras.

De uma maneira geral, gosta de ser acompanhada por homens: estes proporcionam-lhe protecção, tanto por serem grandes como pela sua visão racional do mundo. Admira a prudência, e respeita o homem que reserva antecipadamente uma mesa, e também aquele que hesita antes de responder a cada uma das suas perguntas. Acredita nos serviços dos advogados e sente-se extremamente confiante ao falar com eles, porque cada palavra que dizem tem suporte legal. Mas prefere pedir às filhas ou a uma amiga que vão às compras com ela à baixa da cidade do que ir ela sozinha.

Foi atacada por um homem num elevador, na baixa da cidade. Era de noite, o homem era negro, e ela não conhecia as redondezas. Era mais nova, nessa altura. Foi várias vezes molestada em autocarros apinhados. Uma vez, num restaurante, depois de uma discussão, um empregado exaltado regou-lhe as mãos com café.

No centro da cidade, tem medo de apanhar o metro na direcção errada, mas não se informa sobre o seu destino junto de estranhos de classe

inferior. Cruza-se com numerosos negros que planeiam diferentes crimes. Qualquer pessoa a pode assaltar, até mesmo outra mulher.

Em casa, fala horas ao telefone com as filhas e todas as suas conversas são premonições de desgraça. Não gosta de exprimir satisfação, porque tem medo de estragar a sorte feliz que lhe trouxe. Quando lhe acontece dizer que alguma coisa está a correr bem, baixa a voz ao dizê-lo e, depois de o dizer, bate com os dedos na mesa do telefone. As filhas contam-lhe muito poucas coisas, porque sabem que ela descobre ameaças em tudo o que lhe dizem. E quando lhe contam demasiado pouco, ela tem medo de que alguma coisa esteja a correr mal — em matéria de saúde ou de casamento.

Um dia conta-lhes uma história pelo telefone. Foi sozinha às compras à baixa da cidade. Estaciona o carro e entra num armazém de tecidos. Vê as peças e não compra nada, embora traga na mala algumas amostras. No passeio, há muitos negros que andam de um lado para o outro, o que a deixa nervosa. Volta para o automóvel. Mal pega nas chaves, uma mão sai de debaixo do carro e agarra-a pelo tornozelo. Um homem tinha-se escondido debaixo do automóvel, e agarra-a agora pelo tornozelo com a sua mão negra e diz-lhe numa voz abafada pela massa do carro que deixe cair a mala e se afaste. Ela obedece, embora mal se tenha em pé. Fica à espera, encostada à parede de um prédio, sem tirar os olhos da mala, que não sai do sítio onde a deixou cair, junto à borda do passeio. Há algumas pessoas a olhar para ela. Então aproxima-se do automóvel, ajoelha-se no passeio e espreita para debaixo do carro. Consegue ver a luz do Sol brilhando, do outro lado, no chão, e alguns tubos na parte de baixo do automóvel: o homem desapareceu. Ela pega na mala e põe-se ao volante de regresso a casa.

As filhas não acreditam na história que lhes conta. Perguntam-lhe porque faria um homem uma coisa tão estranha, e em plena luz do dia. Mostram-lhe que o homem não pode ter simplesmente desaparecido a seguir, ter-se simplesmente volatilizado no ar. Ela sente-se ofendida pela incredulidade das filhas e não gosta da maneira como falam da luz do dia e do homem volatilizado no ar.

Alguns dias depois de ter sido agarrada pelo tornozelo, há um segundo incidente que a transtorna. Meteu-se no automóvel ao fim da tarde, e parou num parque de estacionamento junto à praia como faz algumas outras vezes, para ali ficar a ver o pôr-do-sol através do pára-brisas. Esta tarde, contudo, enquanto olha para a água do outro lado da marginal, não é a habitual praia deserta e tranquila que vê, mas um pequeno ajuntamento de pessoas à volta de qualquer coisa que parece estar caída na areia.